

**PECUÁRIA FAMILIAR E SEUS DIRECIONADORES DE COMPETITIVIDADE EM
PINHEIRO MACHADO/RS**

**FAMILY LIVESTOCK AND ITS COMPETITIVENESS DRIVERS IN PINHEIRO
MACHADO/RS**

Tatielle Belem Langbecker

Doutorado em Extensão Rural (UFSM)
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria – RS, Brasil
tatielle.belem@gmail.com

Alessandro Porporatti Arbage

Doutorado em Administração de Empresas (UFSM)
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria – RS, Brasil
aparbage@yahoo.com.br

Viviane Flaviano

Doutorado em Extensão Rural (UFSM)
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria – RS, Brasil
viviane flaviano@gmail.com

Bruna Tadielo Zajonz

Mestrado em Extensão Rural (UFSM)
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria – RS, Brasil
brunabtz@gmail.com

* **Recebido em: 27/07/2022**

* **Aceito em: 27/11/2022**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo identificar os principais direcionadores de competitividade da pecuária familiar no município de Pinheiro Machado/RS. A revisão teórica concentrou-se em uma breve explanação sobre o pecuarista familiar, cadeias produtivas e os direcionadores de competitividade. A partir da literatura definiu-se os direcionadores de competitividade utilizados para as análises: tecnologia, gestão, relações de mercado e ambiente institucional. O método utilizado foi exploratório e descritivo, utilizando-se a pesquisa qualitativa como base de construção do artigo, sendo explorados cinco estudos de casos em Pinheiro Machado/RS. Realizou-se a descrição dos casos em estudo, selecionados em acordo com os critérios estabelecidos pela Lei 13.515/2010. Os resultados revelaram o direcionador “tecnologia” como potencial para o aprimoramento da bovinocultura de corte da pecuária familiar e, o “relações de mercado” aponta elementos a serem discutidos para o direcionamento de produtos diferenciados e com valor agregado na ovinocultura de corte e lã. Por tratar de produção de base familiar e os animais serem criados no mesmo ambiente, os direcionadores “gestão” e “ambiente institucional” se assemelham em ambas atividades, apontando algumas distinções na ovinocultura.

Palavras-chave: Pecuária familiar. Direcionadores de competitividade. Bovinocultura de corte. Ovinocultura de corte e lã.

ABSTRACT

This article aims to identify the main drivers of competitiveness of family livestock in the municipality of Pinheiro Machado/RS. The theoretical review concentrated on a brief explanation about the family farmer, productive chains and the drivers of competitiveness. From the literature, we defined the competitiveness drivers used for the analyzes: technology, management, market relations and institutional environment. The method used was exploratory and descriptive, using the qualitative research as the basis for the article construction, where five case studies were explored in Pinheiro Machado/RS. A description of the cases under study was selected, in accordance with the criteria established by Law 13.515/2010. The results revealed the "technology" driver as a potential for the improvement of beef cattle breeding livestock, and "market relations" points out elements to be discussed for the targeting of differentiated products with added value in sheep and lamb breeding. Because of the family-based production and the animals being raised in the same environment, the "management" and "institutional environment" drivers are similar in both activities, pointing out some distinctions in sheep farming.

Keywords: Livestock breeding. Competitiveness drivers. Cattle breeding. Cutting sheep and wool.

1. INTRODUÇÃO

A complexidade que uma visão sistêmica de cadeia produtiva, paulatinamente, transforma as diferentes esferas de produção encontrada no rural. No entanto, parte das formas de produção rural concentram-se em atividades familiares que, por vezes, carregam lógicas produtivas particulares resistentes às mudanças tecnológicas, por exemplo. Para Silva (2012), as diferentes formas de adoção de tecnologias e de princípios gerenciais seriam referências para situar os distintos formatos de inserção nos segmentos das cadeias produtivas.

Nesse sentido, este artigo foca nos pecuaristas familiares, caracteristicamente encontrados na Metade Sul do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Ao contrário da visão homogeneizadora sobre as dinâmicas produtivas da Metade Sul do RS, a pecuária de corte referenciada, distancia-se da lógica das grandes propriedades especializadas em oferta de animais. Inclusive, fala-se na diversidade produtiva, e de modos de viver, da pecuária familiar em que as formas de inserção são múltiplas nas cadeias produtivas da bovinocultura de corte, ovinocultura de corte e lã, elementos que caracterizam os pecuaristas familiares (RIBEIRO, 2016).

Esse modo de produzir, ocupa, em sua maior porção, a região do Bioma Pampa no Rio Grande do Sul. Essa região traz consigo elementos históricos e culturais relacionados às grandes estâncias de bovinos e ovinos, componentes indissociáveis à cultura e tradição gaúcha. Por mais representativa que a pecuária familiar se apresente, em torno de 60 mil famílias, sua ocultação perpassou por vários períodos. Também em função disso, as prospecções para a pecuária familiar despontam desafios a serem enfrentados em seus cenários de vulnerabilidade tanto em aspectos sociais (envelhecimento, redução da permanência de jovens) quanto econômicos (diferenciação para inclusão em mercados, mudanças de uso da terra) e políticos (baixa inserção e visibilidade para políticas públicas) (TOURRAND, 2016).

De modo geral, para o Rio Grande do Sul, a pecuária de corte, considerando todos os tipos identificados pela literatura, representa grande importância tanto social, cultural, histórica e econômica. O rebanho bovino do estado apresentou na pesquisa pecuária municipal do IBGE, em 2020, um total de 11.128.019 cabeças de gado (IBGE, 2022) e, a Mesorregião do Sudeste Rio-Grandense com, aproximadamente, 1.625.365 cabeças (IBGE, 2022).

O Sudeste Rio-Grandense compõe-se das microrregiões Jaguarão, Litoral Lagunar, Pelotas e Serra do Sudeste. Dentre essas subdivisões a que apresentou maior rebanho, na série de dados da pesquisa pecuária municipal, foi a Serra do Sudeste com 662.230 cabeças de gado em 2020; na sequência tem-se Pelotas (367.534 em 2020), Litoral Lagunar (334.866) e Jaguarão (260.735 em 2020) (IBGE, 2022). Em relação ao rebanho ovino, a Serra do Sudeste se destaca pois, em 2020 ocupou a terceira colocação entre todas as 35 Microrregiões do Estado, com 390.677 ovinos, perdendo somente para as Campanhas Ocidental e Central (IBGE, 2022).

Analisando os últimos cinco anos, o rebanho bovino da Serra do Sudeste apresentou queda reduzindo o número em 188.685 animais. No rebanho ovino houve situação semelhante com redução de 72.841 animais (IBGE, 2022). Mesmo que esses dados não explicitem relação direta com a pecuária familiar – até pela inexistência de dados que referenciem, especificamente, a pecuária familiar -, o movimento de retração dos rebanhos bovino e ovino contribui à construção de problemáticas sobre a pecuária familiar, inseridas na Microrregião da Serra do Sudeste.

As produções de caráter familiar na Serra do Sudeste (composta pelos municípios de Amaral Ferrador, Caçapava do Sul, Candiota, Encruzilhada do Sul, Pinheiro Machado, Piratini e Santana da Boa Vista) representam produções de grande significado socioeconômico e ambiental. Nessa microrregião a pecuária de corte é a atividade produtiva predominante desde o século XVIII, praticada sob campos nativos representando grande significado social e cultural. Em virtude disso, explicita-se a relevância em estudá-la por diversos fatores, entre os quais, a inserção de novas culturas de escala (soja, silvicultura) modifica, e interfere, nas dinâmicas socioeconômicas já existentes, expondo as mesmas e seus sujeitos às situações de vulnerabilidade (MATTE, 2019). Nesse contexto, o município de Pinheiro Machado apresentou o maior rebanho ovino em 2020 (111.978) dentre os municípios da Serra do Sudeste e, o segundo maior em animais bovinos no mesmo ano (121.434 cabeças de bovinos) (IBGE, 2022) configurando-se como o ambiente empírico deste artigo.

A realidade de vulnerabilidades desses pecuaristas carrega um extenso portfólio de elementos tanto internos quanto externos que juntos contribuem para sua apuração. Os aspectos mais comentados pelos pecuaristas variam desde condições climáticas extremas, problemas de sanidade animal, avanço da silvicultura, dificuldade de mão de obra até ausência de sucessão. Outro elemento central refere-se aos mercados e autonomia adquirida em função das relações de confiança com os agentes dos canais de comercialização, como os corretores. Apesar disso, baixa escala produtiva também configura o quadro de vulnerabilidades, pois as vendas individuais tornam-se de difícil atendimento ao mercado (MATTE *et. al.*, 2020).

Contribuindo para essa discussão em 2010, a Lei 13.515 de 13 de Setembro institui o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar, em que um de seus objetivos é “promover a competitividade para a conquista de mercados diferenciados” dentre outros que visam a melhoria genética, nutricional e sanitária dos rebanhos, formalização de comércio, melhoria de renda e assim por diante (RIO GRANDE DO SUL, 2010). Nota-se que a promoção da competitividade passa a estabelecer relações com os demais objetivos. Posto isso, surge a motivação em auxiliar na identificação de elementos que possam ser dinamizados para o estímulo da competitividade desses pecuaristas, partindo da realidade em que se inserem, justificando este artigo.

Nesse sentido, considerando que os estudos de cadeias produtivas podem contornarem-se a partir dos direcionadores de competitividade, vislumbra-se explorar elementos que identifiquem problemas e direcionadores positivos desse tipo de produção pecuária. Assim, a pergunta de pesquisa delinea-se da seguinte forma: Quais são os direcionadores de competitividade do segmento produtivo da pecuária familiar? A partir daí o objetivo geral deste artigo busca identificar os principais direcionadores de competitividade da pecuária familiar no município de Pinheiro Machado/RS.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Pecuária familiar

De acordo com a Lei 13.515, pecuarista familiar é aquele que desenvolve atividade produtiva focada na criação de bovinos, caprinos, bubalinos e/ou ovinos, mão-de-obra predominante familiar (podendo contratar no máximo durante 120 dias ao ano), posse de área não superior a 300 hectares, residência na propriedade ou próximo e, 70% da renda advinda da atividade pecuária e não agropecuária do estabelecimento (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

No entanto, ainda há confusão entre a realidade dos pecuaristas familiares com a imagem homogênea da pecuária baseada em grandes extensões de terras no Rio Grande do Sul, revelando a relação histórica da atividade com a concessão de sesmarias aos militares, pois nesse período, a pecuária era a principal atividade desenvolvida. Entretanto, os pecuaristas familiares formam uma categoria social diferente da visão homogeneizadora da pecuária; para estes a quantidade de terra é menor, a atividade é desenvolvida em sistemas extensivos, a mão de obra é familiar (SILVA, ANJOS, 2023) e a relação histórica com a atividade é um dos principais motivos para seu desenvolvimento (ANDREATTA; MIGUEL; WAQUIL, 2016).

A adaptabilidade aos múltiplos ambientes e diferentes condições socioeconômicas, no decorrer dos períodos históricos, torna evidente a permanência da agricultura familiar e, ainda aponta o rol de estratégias adotadas no enfrentamento das dificuldades vivenciadas. Isto identifica que dentre a agricultura familiar, há diferentes tipos de famílias concentradas em sua subsistência, sendo os pecuaristas familiares “um tipo diferenciado de agricultor familiar” (RIBEIRO, 2009, p. 259). A autonomia do pecuarista familiar frente ao mercado, por exemplo, pode significar importante estratégia para a permanência desta categoria social (RIBEIRO, 2016), a qual permeia, constantemente, os processos decisórios necessários à pecuária familiar.

Neste sentido, considerando que a pecuária familiar não trabalha, em grande parte, com fins lucrativos, Dalcin (2010) comenta sobre a importância em estudar processos decisórios, especialmente em contextos rurais, incorporando elementos que incluam mais do que a visão econômica de uma atividade produtiva. Nestes ambientes não é correto afirmar que a gestão e os processos decisórios sejam, exclusivamente, baseados em finalidades econômicas, pois “as particularidades existentes em cada propriedade rural estão relacionadas com a forma de interação da família com a história, meio social e cultura” (FREITAS; AGNE; MATTE, 2020, p.4).

As características e objetivos dos diferentes tipos de agricultores influenciam, e até mesmo norteiam, as ações e decisões, cotidianas ou estratégicas, dos diferentes tipos de agricultores. A partir disso Andreatta, Miguel e Waquil (2016, p. 68) destacam que a configuração dos elementos socioeconômicos e comportamentais, em cada contexto, são determinantes para criar formas diferenciadas de agricultura que respondem de modos variados às “restrições e possibilidades internas e externas ao estabelecimento e às características regionais”.

Em tratando da pecuária de corte no Rio Grande do Sul, algumas dificuldades e variações relativas à eficiência produtiva e econômica, por vezes, são atribuídas ao comportamento do pecuarista familiar. Essa relação é estabelecida, geralmente, pela relação da atividade com um estilo de vida e baixa eficiência técnica e econômica encontrada em alguns sistemas de produção destinados à bovinocultura de corte. Entretanto, análises que concluem desta forma, provavelmente, estejam investigando de forma superficial a organização interna e a relação do produtor com o ambiente externo, desconsiderando as articulações dos pecuaristas frente as diferentes situações (ANDREATTA; MIGUEL; WAQUIL, 2016).

Neste contexto, em estudo feito por Freitas, Agne e Matte (2020), no município de Caçapava do Sul no Rio Grande do Sul, identificou-se dois tipos de pecuarista familiar: o pecuarista familiar tradicional e o pecuarista familiar em transição. O tradicional se caracteriza

como tendo maior proximidade com a base do agricultor familiar, e o em transição tem maior diversidade de produção para conseguir se sustentar, comercializa produtos em feiras, porém o gado provém sua maior fonte de renda.

Ao considerar a distinta racionalidade dos pecuaristas do Rio Grande do Sul, a discussão apresentada problematiza algumas das fragilidades encontradas na pecuária familiar e de sua inserção em cadeias produtivas. Na sequência, são apontados elementos teóricos utilizados para assinalar o cenário geral que estes produtores se inserem, e apontar possibilidades de exploração de potencialidades, já que o contexto de vulnerabilidades traz a necessidade de alternativas.

2.2 Cadeias produtivas

A discussão sobre as cadeias produtivas tem derivação no surgimento do termo *agribusiness*, de origem norte-americana, que estabelece as relações de dependência entre indústria de insumos, produção agropecuária, indústria de transformação, distribuição e consumidor final. Corroborando, Prado et al, 2021 (p. 13) indica que “as cadeias produtivas são conjuntos de componentes interativos” abrangendo desde os sistemas agropecuários e agroflorestais, passando por todas as etapas até alcançar os consumidores finais e as cadeias de subprodutos.

A vertente norte-americana define os sistemas agroindustriais (SAG's) a partir do enfoque do Sistema de Commodities (CSA) fundamentando a ideia da dependência intersetorial e a mensuração da intensidade dessas relações. A evolução dos estudos perpassa análises em nível especificamente centrado dos produtos até aqueles direcionados à investigação de empresas agroindustriais alcançando uma compreensão microanalítica e, dando direcionamentos distintos daqueles que estudam os setores da economia. Já a escola francesa, com a noção de *filière* (cadeia), foca mais no produto final levando em conta a transformação da commodity em produto ao consumidor (BATALHA, 2021).

Essa discussão inicial é pertinente, pois ainda nos dias atuais ela é retomada como base para a compreensão de cadeias produtivas e atividades do agronegócio. Em publicação recente, Neves (2016) faz um apanhado de publicações que considera vigentes e, dentre as quais esse debate é entendido como basilar em que os aspectos comuns entre as abordagens, especialmente a visão sistêmica, enriquecem o conceito de *agribusiness*.

Ainda em termos conceituais é necessária uma distinção entre termos que comumente são tidos como sinônimos, mas que significam diferentes níveis de análise de um sistema agroindustrial. O próprio sistema agroindustrial se aproxima da noção de *agribusiness*, pois reúne produção, indústria agroalimentar, distribuição, comércio (nacional/internacional), consumidor e serviços de apoio. Já o complexo agroindustrial remete a um conjunto de cadeias de determinada matéria-prima, por exemplo, complexo soja; a cadeia de produção, como já visto, foca em determinado produto final e, ainda, há as Unidades Socioeconômicas de Produção participantes em cada cadeia, responsáveis pelo funcionamento de todo o sistema influenciando-o e sendo influenciadas (BATALHA, 2021).

Neste contexto, tanto a identificação quanto do estudo dos agentes que compõe os sistemas agroindustriais são muito importantes. Dentre os principais segmentos, produção primária, agroindústria, atacado, varejo e consumidor, a produção primária, ou produção de matéria-prima, é interpretado como um dos elos mais complexos devido à dispersão geográfica, heterogeneidade, assimetria de acesso às informações (MACHADO FILHO, 2015).

Vários são os estudos empíricos que se dedicam a determinado segmento de uma cadeia produtiva. O segmento industrial da cadeia da carne bovina é presente em análises desse tipo buscando, por exemplo, a compreensão de mecanismos impulsionadores de competitividade perante a cadeia e ao sistema agroindustrial da carne bovina. A pesquisa de Coleman, Sproesser e Michels (2004) investiga direcionadores, a partir de dados secundários do Mato Grosso do Sul, considerando a heterogeneidade do segmento de abate e processamento, classificando-o

em duas sub-cadeias: uma que apresenta níveis tecnológicos mais acurados e, outra que é mais carente em tecnologia, qualidade, gestão e organização; ainda realiza sua investigação distinguindo processamento de abate.

As formas como se estruturam os estudos dos segmentos de cadeias produtivas são múltiplas. A pesquisa de Dalcin, Oliveira e Arbage (2010) demonstra essa versatilidade, pois os autores investigaram uma determinada empresa frigorífica no Rio Grande do Sul com o intuito de analisar as diferentes estratégias adotadas frente a intensificação da concorrência motivada, também, pela abertura dos mercados. Para um posicionamento competitivo, a empresa adota mecanismos para a diferenciação de seus produtos, assim como, diversificação de seus clientes para reduzir os riscos relacionados às vendas.

Como se percebe, o empenho em estudar elementos da competitividade ganha destaque em pesquisas sobre os segmentos de cadeias produtivas. Nesse sentido, a dissertação de Fernandes (2017) encaminha esta revisão teórica para um item específico da discussão: os direcionadores de competitividade. Essa relação é possibilitada, pois sua pesquisa estabelece uma análise para três diferentes segmentos da cadeia da carne bovina no Bioma Pampa: produção, beneficiamento e distribuição. Como este artigo conduz-se à produção da pecuária familiar e sua inserção em diferentes cadeias produtivas, a pesquisa de Fernandes (2017) permite a visualização de direcionadores de competitividade específicos para o elo de produção, especialmente, em uma das cadeias contempladas pela pecuária familiar.

2.2.1 Apontamentos sobre competitividade e direcionadores

A competitividade origina-se na teoria econômica e na teoria da administração de empresas e reflete, em princípio, uma ferramenta de medição de resultados atingidos por empresas, ou cadeias produtivas, nos mercados em que se inserem. O padrão de competição é dinâmico estando relacionado com o espaço e tempo, por isso é fundamental o ajuste das estratégias em concordância com as regras vigentes de competitividade. Além de ser interpretada como medida, a competitividade pode estar relacionada “a adequação das estratégias empresariais às regras do mercado, ou ainda à capacidade que determinada atividade produtiva tem para enfrentar as exigências de mercado” (SCHULTZ; ZANETTI; WAQUIL, 2011, p. 13).

Há uma série de modelos de análise de fatores determinantes de competitividade, dentre as quais várias se encaixam para a análise de cadeias produtivas agroindustriais como por exemplo, cinco forças competitivas, cadeia de valor, competitividade sistêmica e, direcionadores de competitividade em cadeias produtivas agroindustriais. O último modelo é especificamente pensado para as cadeias do agronegócio, em que busca a “avalição das cadeias produtivas agroindustriais, bem como contribuir na proposição de políticas públicas e/ou privadas para minimizar as dificuldades e potencializar as vantagens competitivas” (SCHULTZ; ZANETTI; WAQUIL, 2011, p. 31).

Esse modelo tem em suas bases conceituais as discussões propostas por Silva e Batalha (1999, p. 14-15), em que os autores salientam que o delineamento dos principais direcionadores deve estar em acordo com cada segmento específico de uma cadeia e, ainda, estarem relacionados ao “nível sistêmico de coordenação destes segmentos”. Os direcionadores compõem-se por várias dimensões, mas que de forma resumida podem ser classificados quanto os aspectos de “estrutura de mercado, tecnologias adotadas, gestão empresarial, insumos produtivos utilizados, relações de mercado dos agentes da cadeia e ambiente institucional”.

Para a análise dos direcionadores que influem na competitividade dos sistemas de produção da bovinocultura de corte (dentro da porteira), em grande medida, notam-se semelhanças entre autores, pois, comumente, utiliza-se da tecnologia, gestão, relações de mercado e ambiente institucional. Dentro de cada um dos direcionadores há uma série de fatores que permeiam a sua composição (OIAGEN, 2010; FERNANDES, 2017). No direcionador

tecnologia encontram-se elementos como qualidade de manejo, suplementação animal, manejo reprodutivo, genética e sanidade do rebanho; na gestão, capacitação de mão-de-obra, planejamento estratégico, controle de custos de produção, identificação do rebanho; nas relações de mercado, a relação produtor-fornecedor, produtor-frigorífico, diferenciação de produtos, formação de preços; e, no ambiente institucional, encontram-se fatores como acesso às inovações tecnológicas, organização dos produtores, política e fiscalização ambiental, sanitária, crédito agropecuário (OIAGEN, 2010).

As análises resultantes de metodologias semelhantes desvendam alternativas aos segmentos das cadeias produtivas. Para a ovinocultura do Rio Grande do Sul, o estímulo ao aumento de consumo da carne ovina configura-se como potencial alternativa para promover a competitividade da cadeia. Em nível de produção de animais buscam-se direcionar ações que potencializem a qualidade dos animais, a diversificação de cortes direciona-se às sugestões ao setor industrial e, ao elo do varejo remetem-se estratégias de marketing (VIANA; SILVEIRA, 2009).

Ainda na ovinocultura, mas direcionando à cadeia da lã, estudos apontam alternativas criadas por produtores. Ao perceber as potencialidades da ovinocultura em termos econômicos, Bittencourt, Salles e Alves (2016) estudaram o caso de uma empresa rural que aproveitou um nicho de mercado a partir de sua criação de ovinos, inovando com a inserção da venda de pelegos¹. A ideia surge em percepção da valorização do produto em feiras comerciais, onde contempla um valor superior ao animal vivo. Esse caso apresenta uma oportunidade de mercado aproveitada como meio de tornar a empresa rural mais competitiva.

Com isso, na seção trouxeram-se elementos teóricos da competitividade em cadeias agroindustriais, com o objetivo de construção da temática, apontando em início aportes teóricos que delineiam os direcionadores de competitividade e, gradativamente, conduzir elementos que atestem a importância desses estudos na indicação de alternativas que fortaleçam o viés competitivo do segmento de produção de cadeias produtivas em que os pecuaristas familiares buscam sua inserção.

3. METODOLOGIA

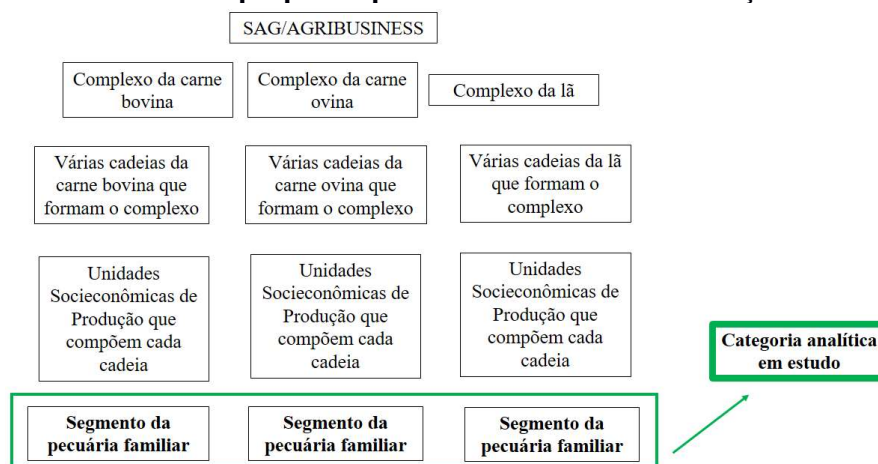
A pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois busca lançar informações sobre o assunto em estudo abrindo espaço para aperfeiçoar os delineamentos do tema em questão. Também se delimita como descritiva, pois são relatadas as características de determinado fenômeno, população e suas relações, ou seja, a inserção em cadeias produtivas e os elementos de competitividade de pecuaristas familiares. Para os autores, há uma estreita relação entre o caráter exploratório e descritivo por proporcionam diferentes visões sobre os problemas, interesse recorrente de cientistas sociais (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Associada a pesquisa exploratória e descritiva, classifica-se esta pesquisa como estudo de caso pois, se caracteriza por investigar um ou poucos objetos possibilitando a geração de conhecimento amplo e detalhado. O estudo de caso permite a exploração de situações reais do cotidiano, a descrição do contexto da pesquisa e a explicação de variáveis que causam fenômenos específicos em situações complexas, não capazes de serem traduzidas quantitativamente (GIL, 2008).

Em acordo com a breve revisão teórica, exposta na seção anterior, a figura 1 localiza o estudo no nível de análise investigado neste artigo.

¹ Pelego é o termo utilizado para referenciar à pele ovina com a lã, utilizada para diferentes finalidades.

Figura 1: Níveis de análise propostos pela teoria adotada e localização teórica do estudo



Fonte: Elaboração própria.

Para tanto, a coleta dos dados se deu através de entrevistas com roteiros semiestruturados. De acordo com Gil (2008), a entrevista é uma forma de interação social, pois a partir desse instrumento de geração de dados o pesquisador realiza questionamentos ao público alvo pesquisado com o objetivo de conseguir informações úteis à investigação. As entrevistas foram extraídas de trabalho de campo realizado, em disciplina do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria, com pecuaristas familiares do município de Pinheiro Machado. Os áudios foram retomados para a verificação de sua aplicabilidade neste estudo e, verificou-se a potencialidade do material.

A escolha dos entrevistados foi intencional, respaldada nas limitações de acesso às propriedades rurais e, contando com as indicações dos informantes chave. Para este estudo, ressaltam-se os critérios apontados conforme a lei 13.515/2010 para o enquadramento na categoria pecuária familiar, já apresentados anteriormente (RIO GRANDE DO SUL, 2010). Nesse sentido, buscando contemplar diferentes realidades de pecuaristas familiares, optou-se por considerar aqueles enquadrados na lei 13.515/2010 e que se identificam como pecuaristas, resultando em um recorte de cinco estudos de caso (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

O tratamento dos dados parte de análises das entrevistas buscando dentro das unidades de registro – trechos das entrevistas – informações que respaldem ao objetivo pretendido (OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido, o fundo teórico analítico identifica os elementos que compõe os direcionadores de competitividade em cada cadeia produtiva identificada nas entrevistas, no intuito de trazer contribuições que apontem potencialidades e dificuldades no segmento da produção pecuária familiar. Os direcionadores de competitividade foram categorizados em quatro fatores em acordo com a literatura: Tecnologia, Gestão, Relações de Mercado e Ambiente Institucional (BATALHA 1999; OIAGEN, 2010; FERNANDES, 2017).

A análise de dados foi sistematizada a partir de dados qualitativos, resultando em duas matrizes descritivas, uma para a bovinocultura de corte e outra para ovinocultura de corte e lã, compostas pelos quatro direcionadores de competitividade. A técnica de análise respaldou-se na análise de conteúdo temático-categorial, em que os núcleos de sentido são categorizados em categorias pré-definidas (direcionadores de competitividade) (BARDIN, 2016).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização da pecuária familiar

A caracterização das unidades de produção da pecuária familiar analisadas segue os critérios estabelecidos na lei 13.515/2010 para a identificação de beneficiários das ações e

projetos do Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar (PECFAM) (RIO GRANDE DO SUL, 2010). Na tabela 1 explicita-se os critérios que delineiam o pecuarista familiar, perante a lei, e, aponta-se os elementos para a descrição dos participantes da pesquisa. Destaca-se que as propriedades analisadas não possuem atividades relacionadas aos cultivos agrícolas, todas dedicam-se exclusivamente à pecuária de corte, perpassando bovinos, ovinos e corte e lã.

Tabela 1: Características dos entrevistados em acordo com a lei 13.515/2010

Casos estudados	Produção pecuária	Mão de obra	Área até 300 hectares	Residência	Renda
Propriedade 1	Bovino de corte, ovino de corte	Familiar	38 ha	Na propriedade	Atividade pecuária
Propriedade 2	Bovino de corte, ovinos de corte e lã	Familiar	262 ha	Na propriedade	Atividade pecuária; aposentadoria
Propriedade 3	Bovino de corte, ovinos de corte e lã	Familiar; contrato 20 dias de serviço/ano	233 ha	Na propriedade	Atividade pecuária
Propriedade 4	Bovino de corte, ovinos de corte e lã	Familiar; contrato 20 dias de serviço/ano	159 ha	Na propriedade	Atividade pecuária
Propriedade 5	Bovino de corte, ovinos de corte e lã	Familiar; contrato 30 dias de serviço/ano	33 ha	Na propriedade	Atividade pecuária, assalariamento

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados de pesquisa de campo.

As cinco propriedades rurais desenvolvem a bovinocultura de corte focadas na fase de cria como sistema de criação baseado em sistema produtivo extensivo. A criação de ovinos de corte está presente dentre as propriedades e se assemelha ao modo extensivo de criação, com objetivo da venda dos cordeiros. Apenas um pecuarista não comentou sobre a venda da lã como alternativa de renda.

A mão de obra é predominantemente familiar, contempla de um a dois membros da família considerando tanto a atividade produtiva rural quanto os trabalhos domésticos. Em relação as contratações a Lei 13.515/2010 prevê a possibilidade de mão de obra externa à propriedade de no máximo 120 dias ao ano (RIO GRANDE DO SUL, 2010). Essa condição permeia os pecuaristas familiares investigados, pois três utilizam mão de obra contratada para a realização de atividades temporárias e sazonais como, tosquia, manutenção de alambrados, limpeza de áreas de campo, não ultrapassando de 30 a 20 dias de serviço no ano.

A posse de propriedades rurais com área de no máximo 300 hectares, independentemente se a área é contínua ou não abarca o terceiro critério para a definição dos pecuaristas beneficiários do PECFAM. Como se nota na tabela 1, a área máxima remete à 262 hectares e a mínima 33 hectares, atendendo ao requisito proposto na lei. No quesito residência fixada na propriedade rural ou em local próximo, todos os participantes atendem de forma igual, pois residem na propriedade rural. E em relação à obtenção de no mínimo 70% da renda proveniente da pecuária e de atividade não agrícola do estabelecimento, exceto transferências sociais (RIO GRANDE DO SUL, 2010), os quatro casos atendem ao critério. Destaca-se que uma propriedade além da atividade pecuária conta com aposentadoria e outra com o assalariamento.

Esta seção apresentou os casos analisados relacionando-os aos requisitos estabelecidos em lei para a identificação dos pecuaristas familiares. Na sequência, levando em consideração os aportes teóricos já identificados, buscou-se a identificação dos principais direcionadores de competitividade da pecuária familiar, considerando o município de Pinheiro Machado/RS.

4.2 Direcionadores de competitividade na pecuária familiar: bovinocultura de corte

Na pecuária familiar, a atividade produtiva que os caracteriza é a bovinocultura de corte associada, por vezes, a outras criações como ovinos e caprinos e pequenas áreas de agricultura. A constante tentativa de reconhecimento do pecuarista familiar antes da Lei 13.515/2010, gerou uma proliferação de estudos dedicados à cadeia produtiva da carne bovina, revelando a complexidade e diversidade da pecuária familiar como um segmento específico da pecuária de corte (PORTO; BEZERRA, 2009; RIO GRANDE DO SUL, 2010).

Nesse sentido, a primeira matriz de direcionadores de competitividade da pecuária familiar direciona-se à bovinocultura de corte. Revelam-se as percepções dos pecuaristas sobre a tecnologia, gestão, relações de mercado e ambiente institucional apontando as especificidades do segmento familiar.

Figura 2: Direcionadores de competitividade da bovinocultura de corte da pecuária familiar

<p>Tecnologia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alimentação animal. - Raças em acordo com condições edafoclimáticas. - Inseminação artificial. - Rodízio de pastagens. - Produtos veterinários alternativos. 	<p>Gestão</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacitações. - Escala de produção baixa. - Conhecimento do rebanho e da propriedade.
<p>Relações de mercado</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produtor-comprador. - Venda de animais jovens/machos. - Produtor-fornecedor. 	<p>Ambiente institucional</p> <ul style="list-style-type: none"> - Operações de crédito. - Organizações de extensão rural. - Organização de produtores.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados de pesquisa de campo.

O direcionador “tecnologia” na produção de bovinos de corte da pecuária familiar, destaca-se como elemento contributivo para a competitividade do segmento familiar. Ainda que a literatura aponte que o padrão de adoção tecnológica e gerencial é referência para situar as formas de inserção dos produtores nas cadeias produtivas (SILVA, 2012), é simplista a colocação que o pecuarista familiar não estaria inserindo tecnologias em sua atividade produtiva. Nesse sentido, Batalha, Buainain e Filho (2004) salientam que o problema não se refere a falta de tecnologias adaptadas, mas sim às condições e capacidades para a inserção e inovação, o que responde no ambiente institucional, posteriormente abordado.

Essa afirmação é percebida nas entrevistas, pois diferentes aspectos tecnológicos são apontados nas conversas pelos produtores. Em relação à alimentação animal, os produtores valorizam o campo nativo, por vezes, realizam o cultivo de pastagens em pequenas áreas para a garantia da alimentação – azevém principalmente. A pecuária causa uma percepção de segurança ao pecuarista em relação à agricultura, pois ainda que a oferta de pasto se apresente escassa, há alternativas de alimentação por intermédio de rações, por exemplo.

O cruzamento entre raças também foi destacado na realidade do município investigado, pois considerando a vasta área territorial, encontram-se variações de relevo, vegetação e microclimas; para isso, os pecuaristas comentaram sobre a adaptação de raças em acordo com as condições edafoclimáticas. Um campo mais raso e mais dobrado reflete nas condições climáticas, requerendo um gado mais resistente; quanto mais quente for a localidade, mais

vantagem se enxerga nesta questão, pois o gado europeu, apesar de responder em características organolépticas desejadas pelo consumidor final, é mais sensível há ambientes quentes sendo necessária a cruzar com animais mais resistentes ao calor.

A inseminação artificial do plantel é percebida por um dos entrevistados como facilitadora do manejo. Embora, um pecuarista tenha comentado sobre a inseminação artificial, destaca-se que a realização é executada pelo mesmo e, que aos poucos fatores encontrados em grandes propriedades, aos poucos vão ganhando espaço na produção familiar. O rodízio de piquetes também é uma prática que passa a se inserir nas pequenas propriedades entendida como vantajosa, especialmente, por se tratar de áreas menores garantindo maior oferta e qualidade de pasto para os animais. Ainda foi citada uma experiência com produtos naturais para o combate a carrapatos. A relação de tecnologias, como a inserção do pastoreio rotativo e a inseminação artificial, e a pecuária familiar também foi encontrada por Langbecker (2020) demonstrando que, em seu ritmo e respeitando suas trajetórias e experiências, a pecuária familiar busca tecnologias que a auxiliem na adaptação aos ambientes agrários em transformação.

No aspecto “tecnologia” além dos relacionados à atividade produtiva, foi destacado o papel das tecnologias de informação e comunicação, assim como, tecnologias atuais de modo geral que passam a facilitar a vida no campo. Por mais que o trabalho no rural seja desgastante, nota-se uma relação de valorização da atividade rural e de reconhecimento das mudanças tecnológicas e suas vantagens ao produtor rural.

Na pesquisa de Fernandes (2017), a relação do elo de produção pecuária com o direcionador “tecnologia” também foi percebida como favorável às condições de competitividade, tanto em aspectos produtivos quanto sanitários. Ainda em acordo, algumas das regiões investigadas pela autora são exclusivas para o desenvolvimento da pecuária de bovinos e a associação com ovinos, maximizando o potencial das pastagens.

Em relação à gestão é recorrente a conclusão da necessidade de aprimoramento da gestão da atividade rural para que o produtor possa tomar suas decisões a partir de um número maior de informações e, assim, maximizar os resultados (OAIGEN, 2010). A capacitação da mão de obra surge como um componente do direcionador “gestão”. Nos casos estudados, como a mão de obra é familiar, a valorização e a busca por novos conhecimentos aparece entre alguns membros familiares; há aqueles que participam de cursos de inseminação artificial, toque de fêmeas, rodízio de pastagens, buscam informações sobre alternativas de produtos veterinários, mas por outro lado, parte dos pecuaristas familiares apresentam-se mais resistentes a entrada de novos fluxos de informações e práticas em suas propriedades.

Outro elemento que pode ser agregado ao direcionador “gestão” é a escala de produção. Na pecuária familiar a escala é baixa, tanto é que dentre os participantes a maior venda anual de animais não ultrapassou 45 terneiros e 25 vacas de descarte. Esse fator irá responder no direcionador seguinte “relações de mercado”, em que a relação das pequenas propriedades com a indústria é dificultosa em virtude da baixa escala de produção (ANDREATA; WAQUIL; MIGUEL, 2016). Além dos pecuaristas familiares entrevistados não comercializarem com a indústria, apresentam semelhanças com características apontadas pelos autores sobre a decisão da venda, ou melhor, o produtor além de possuir baixo poder de barganha – preço formado pelo mercado – busca a maximização do número de animais e não a produtividade.

O conhecimento do rebanho é uma característica interessante, pois por mais que não haja anotações de cunho gerencial, o pecuarista familiar sabe a maioria das informações sobre o seu rebanho e conhece os animais um a um. Além disso, apesar de não realizar uma sistematização de seus gastos, ao questionar sobre os valores despendidos com a produção, todos os pecuaristas informam os valores em cada fator questionado. Não há projeções a longo prazo, cálculos de rentabilidade e lucratividade, estrutura de negócios; o pecuarista familiar, semelhante ao encontrado por Fernandes (2017), preocupa-se com questões operacionais e suas

decisões são baseadas em experiências. A literatura destaca a necessidade de ferramentas de gestão adaptadas à realidade da produção familiar, pois por mais que esteja em determinados territórios, o paradigma da competitividade permeia as dinâmicas em que se insere (BATALHA; BUAINAIN; FILHO, 2004).

No direcionador “relações de mercado”, a relação produtor-comprador é bastante peculiar. Como comentado anteriormente, são poucos os momentos de poder de barganha do produtor, mas mesmo assim o preço e a confiança são definidores da venda. A venda é realizada, em grande parte, para outros pecuaristas que dão continuidade ao ciclo de produção (terminadores). Nessa dinâmica, a venda é realizada por peso do animal ou por cabeça; por mais que o preço seja definido no mercado, aqui a relação próxima com o comprador permite uma avaliação das condições do animal, a olho, o que pode responder em variações de preço na venda. Caso haja insegurança quanto o pagamento, o pecuarista procura outro comprador para seus animais. Essa busca por segurança quanto ao pagamento, ante ao preço, é observada por Matte *et.al.* (2020), em pesquisa com pecuaristas familiares na Região da Campanha Gaúcha.

Essa relação também é identificada por Arbage (2004) nas relações entre pecuarista e frigorífico, pois os produtores destacam que a venda para os frigoríficos é eventual e baseada em termos de melhor preço e menor risco, já que o comportamento oportunista é percebido pelo pecuarista. Também há a relação inversa, em que o produtor, desenvolve o oportunismo mandando animais em condições insatisfatórias para o abate.

A importância da relação de confiança entre pecuarista e o comprador pode ser percebida tanto nas vendas ao frigorífico (ARBAGE, 2004) quanto nas vendas com outros pecuaristas, como identificado nas entrevistas. Esse atributo é fundamental para a venda da produção. A relação de confiança pode ser analisada a partir da teoria dos custos de transação, no entanto, como a proposta não remete a esta análise mais refinada, sugere-se estudos sequenciais a esta temática.

A venda de animais jovens pode ser relacionada à ideia de diferenciação de produtos encontrada no direcionador “relações de mercado” proposto por Fernandes (2017). Considerando que a demanda por animais jovens cresce no mercado consumidor, a oferta de animais jovens pode ser considerada um elemento de competitividade, pois os pecuaristas comentam que de nada adianta ficar com os animais no campo se o consumidor final requer um produto mais macio, de melhor qualidade.

As vendas de animais velhos não são excluídas totalmente da lógica produtiva, no entanto servem como uma estratégia em relação ao pagamento de deduções extras, independentes da produção. Ainda destaca-se a opção, de um dos entrevistados, pela venda dos machos, pois afirma que com a mesma idade de venda, uma fêmea já está reproduzindo, ao contrário, o macho necessita de compra para reposição. A relação produtor-fornecedor de insumos, aparentemente, não representou características específicas, já que a demanda por insumos é bastante pontual, e por vezes sazonal; apenas comentou-se sobre o alto valor dos insumos.

O direcionador “ambiente institucional” suscita algumas discussões. De acordo com Neves (2015), o ambiente institucional é marcado pelas leis, costumes e tradições que definem as sociedades. Ao mesmo tempo que as organizações se adaptam às instituições, estão em constante busca para sua modificação em acordo com suas necessidades. O acesso às operações de crédito constitui parte do ambiente institucional. Esse aspecto percorre duas situações distintas: os pecuaristas que não acessam, pois preferem a economia de quantias para aquisições à vista e, os pecuaristas que utilizam, ou ao menos, tentam o acesso.

As características que definem os pecuaristas familiares, limitam o acesso a operações do Pronaf, por exemplo. Um pecuarista comentou que não obteve sucesso em sua tentativa em função da quantidade de animais registrados não corresponder com a área declarada, pois parte de seus animais são alocados no campo de seu patrão. Em contrapartida, outro participante

comenta sobre as vantagens em acessar operações de crédito e a responsabilidade que se deve ter com o compromisso do pagamento.

As organizações de extensão rural, especialmente a Emater, também é descrita por dois vieses. Em propriedades mais próximas ao centro urbano do município, pecuarista comentam sobre a participação em cursos e visitas técnicas. No entanto, em propriedades distantes a relação da Emater com os produtores rurais se fragiliza, pois, os comentários revelam o distanciamento de relações com a organização. A organização dos produtores, associação em comunidades rurais, é vista como vantajosa por conter alternativas de lazer, acesso à assistência médica. Por mais que os produtores paguem a mensalidade sindical, nota-se um distanciamento dos pecuaristas com a mesma.

Ainda, há um produtor que faz parte da iniciativa do Alto Camaquã formada a partir da Rede de Empreendedores do Alto do Camaquã, a qual busca vendas coletivas com uma produção baseada na conservação da cultura, do ambiente natural para o desenvolvimento territorial. Dentre os produtos do Alto Camaquã encontra-se a carne ovina, artesanato em couro e lã, turismo entre outros (ADAC, 2017).

A organização dos produtores, na pesquisa de Fernandes (2017), revelou-se deficitária havendo o reconhecimento de respostas negativas na cadeia produtiva. Nesta pesquisa, observam-se semelhanças, pois a principal “vantagem” de uma associação remete aos benefícios sociais (saúde, lazer) distanciando-se da atividade produtiva. Contudo, alguns apontamentos demonstram iniciativas que vão se consolidando para a inserção competitiva em mercados diferenciados. Essa discussão encaminha à subseção que trata sobre a ovinocultura de corte e lã.

4.3 Ovinocultura de corte e lã: proximidade de direcionadores e inserção nas cadeias produtivas

A ovinocultura de corte e lã apresenta-se como uma alternativa complementar tanto em termos de renda quanto para consumo próprio na pecuária familiar. A opção por não separar essas duas atividades produtivas em duas matrizes se deu em virtude da complementariedade entre elas, o que correria o risco de tornar a discussão repetitiva, já que também, em vários pontos, assemelha-se à discussão anterior. Assim, na figura 3 apresentam-se os direcionadores de competitividade da ovinocultura da pecuária familiar.

Figura 3: Direcionadores de competitividade da ovinocultura de corte e lã da pecuária familiar

<p>Tecnologia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alimentação animal. - Raças para lã e carne. - Rodízio de pastagens. - Manejo 	<p>Gestão</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacitações. - Escala de produção baixa. - Conhecimento do rebanho e da propriedade.
<p>Relações de mercado</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produtor-comprador. - Venda de cordeiros e lã. - Produtor-fornecedor. 	<p>Ambiente institucional</p> <ul style="list-style-type: none"> - Operações de crédito. - Organizações de extensão rural. - Organização de produtores. - Animais invasores

Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados de pesquisa de campo.

Em relação ao direcionador “tecnologia”, os aspectos da alimentação animal acompanham a lógica da bovinocultura de corte, pois de acordo com Fernandes (2017), na região do Bioma Pampa ocorre o desenvolvimento da bovinocultura em paralelo com a criação de ovinos, já que estes últimos se alimentam de gramíneas não consumidas pelos bovinos,

potencializando a eficiência do campo nativo. Isso é relatado pelos produtores entrevistados, inclusive aproveitando as vantagens possibilitadas pela rotação dos piquetes.

A tosa da lã mantém relação direta com as condições de manejo do rebanho ovino resultando em um produto (lã) de melhor qualidade e, garantindo maior eficiência zootécnica e sanitária dos animais. Na fala de um pecuarista, identifica-se essa relação, pois comenta que “certas coisas de antiguidade não se encaixam”, por exemplo quando trata do manejo ovino. A tosa a realizar-se em novembro é percebida como tempo perdido na engorda do animal, pois o calor desgasta o animal transformando toda sua alimentação em energia liberada em função do calor. Ao realizar o processo, por exemplo, em outubro, o animal gasta menos energia com o calor e, as condições sanitárias do rebanho são garantidas com maior eficiência. Destaca-se que o processo de tosquia, segundo os entrevistados, permanece realizado manualmente.

As raças também são escolhidas para trabalhar com animais que respondam tanto em ganho de carcaça (venda de cordeiros) quanto proporcionem ganhos com a venda da lã. O direcionador “gestão” responde as mesmas características encontradas na bovinocultura de corte. Em termos de capacitação da mão de obra familiar, as atividades são mais direcionadas ao manejo com os bovinos. Em outras localidades anteriormente investigadas, encontram-se mulheres realizando a tosa dos ovinos, mas partem de conhecimentos adquiridos oralmente de seus familiares e, não de capacitações por agentes externos.

A produção destinada à venda também apresenta baixas quantidades, predominantemente, remete à venda de cordeiros e em determinada época do ano, respondendo na irregularidade de oferta ao mercado. A gestão da atividade é realizada da mesma forma que na bovinocultura, pois não existem controles específicos para cada atividade. A preocupação recorre aos aspectos operacionais, pois para todas as atividades produtivas é o próprio proprietário que as desenvolve. As contratações são apenas para serviços temporários. No caso dos ovinos, a tosa permeia uma das contratações temporárias, em que o pagamento é realizado em acordo com o número de animais.

O direcionador “relações de mercado” no que tange as relações entre os agentes produtor-comprador e produtor-fornecedor também correspondem à realidade encontrada na bovinocultura, pois a relação de confiança permanece e a compra de insumos segue a mesma lógica, até porque, alguns entrevistados comentam que ao realizarem as compras já adquirem os produtos tanto para bovinos quanto para ovinos. A venda da lã revela alguns elementos que respondem de forma semelhante nas propriedades investigadas. A venda é direcionada às chamadas barracas, em que o representante vai até a propriedade avalia o produto e lança o preço em acordo com a qualidade da lã.

Nesta dimensão identificam-se possibilidades para alternativas de mercado que vislumbrem produtos específicos levando em conta condições físicas e socioculturais. A valorização da carne ovina nos supermercados aponta a equivalência de valores entre um corte (paleta, por exemplo) e um animal vivo na propriedade rural, de acordo com informações de um entrevistado. Outro produto potencial refere-se ao charque² ovino, pois; supõe-se que a valorização do charque ovino poderia se enquadrar com um produto a ser vendido em *boutiques*, em acordo com a carne *in natura* ovina que aos poucos se insere nesses nichos.

A lã e a sua transformação artesanal em peças de vestuários e artesanato, assim como, a simples venda dos pelegos, como comentado por Viana e Silveira (2009) representa alternativas de renda que podem estar contribuindo para a competitividade e inserção dos pecuaristas familiares em mercados estruturados que demandem produtos diferenciados. Aqui, retoma-se a discussão do direcionador “ambiente institucional”, que como visto anteriormente, parece que iniciam-se mobilizações no sentido de organizações dos produtores que vislumbram mercados diferenciados.

² Expressão regional usada para referenciar à carne salgada e curada ao sol, também conhecida como carne-seca ou carne de sol.

Especificamente em tratando da marca que busca solidificar a marca do Alto Camaquã, parece que as organizações de extensão rural se fazem mais presentes, do que em assistência técnica específica às propriedades rurais. As operações de crédito não se distinguem entre a bovinocultura e ovinocultura; aqueles que resistem à busca de crédito externo, o fazem independente da atividade e, aqueles que desvelam vantagens, o fazem em acordo com seus interesses.

Um fator que cabe destaque é a invasão de javalis. Optou-se por sua inserção no direcionador “ambiente institucional”, pois suas consequências ultrapassam apenas as condições biológicas, alcançando instâncias de regulamentações que permitam o controle do *javali-europeu*, pois “são animais exóticos invasores e nocivos às espécies nativas, aos seres humanos, ao meio ambiente, à agricultura, à pecuária e à saúde pública” (IBAMA, 2013, p. 1). A problemática provoca reconfiguração nos sistemas de produção da pecuária familiar, pois a criação de cordeiros passa a ser presa dos javalis, acarretando em perdas aos pecuaristas. Há um redirecionamento do manejo com os cordeiros, onde ocorre a recolhida dos animais para local que represente maior segurança aos animais.

Em suma, apresentou-se os direcionadores de competitividade encontrados no segmento da pecuária familiar. A realidade abordada carrega uma série de elementos particulares que definem o ambiente institucional regido por aspectos comportamentais e culturais da região em estudo, definindo inclusive os consumidores dos produtos apresentados. Nota-se que conforme Arbage (2004) os segmentos de uma cadeia produtiva originam categorias agrupadas em acordo com suas similaridades resultando em contornos de um perfil das organizações podendo estar inseridas em mais de uma cadeia produtiva. Isso é percebido na realidade dos pecuaristas familiares, onde o ambiente institucional configura um segmento específico que permeia as cadeias produtivas da bovinocultura de corte, ovinocultura de corte e lã. Por fim, apresentam-se algumas considerações acerca da discussão desenvolvida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das atividades produtivas se confundirem e permearem, inclusive, o mesmo espaço se identifica a pertinência na identificação dos direcionadores de competitividade do segmento familiar, pois como se percebe a distinção entre cadeias produtivas se torna difícil, já que a lógica produtiva segue essa mescla de atividades.

Nesse sentido, nota-se que o direcionador “tecnologia” apresenta potencialidades de aprimoramento na bovinocultura de corte e, que a relação estabelecida com o segmento familiar e a ausência/resistência à adoção de tecnologias pode ter uma interpretação alternativa. Ou seja, o pecuarista familiar insere adaptações tecnológicas e de manejo acordes com sua realidade e em concordância com sua interpretação do campo e do rural. Inclusive essa relação de pertencimento ao campo e a valorização do mesmo com a inserção de aspectos tecnológicos que potencializem essa dinâmica, pode estimular a criação de produtos com valor agregado inserindo de forma mais efetiva os pecuaristas familiares nas cadeias em que estão presentes.

O direcionador “relações de mercado” destacou-se para a ovinocultura de corte e lã, devido ao potencial identificado de produtos diferenciados que agregam valor para aos produtores, como por exemplo a marca do Alto Camaquã. O dois outros direcionadores de competitividade, “gestão” e “ambiente institucional”, distanciam-se de apresentar uma distinção entre as atividades de bovinocultura e ovinocultura. O direcionador “gestão” praticamente não apresenta diferenças, pois o gestor é a mesma pessoa para as duas atividades, assim como, o trabalhador diário também centra-se na figura do pecuarista. Em ambas atividades, a preocupação cotidiana e operacional supera os planejamentos estratégicos, mas o conhecimento da realidade dos rebanhos e dos valores envolvidos reforça o saber/fazer específico do pecuarista familiar.

Nota-se que a literatura avalia os direcionadores de competitividade no setor industrial, ainda mais em se tratando da cadeia da carne bovina, cadeia em que os pecuaristas se inserem a partir de suas lógicas particulares. No entanto, se há intenção em inserir de forma efetiva e constante esses produtores em cadeias produtivas, ou ainda, criar nichos para a sua atuação, avaliações específicas, como a realizada aqui em caráter exploratório, são necessárias para contemplarem elementos particulares sobre os segmentos de produção familiar mais tradicionais. Não cabe a este artigo, fazer referência ao debate sobre as especificidades da pecuária familiar discutidas por vários estudos. Cabe apropriar-se do conhecimento destas, integrando as respostas teóricas e empíricas, para que se aponte alternativas às dificuldades para a sua manutenção e reprodução socioeconômica.

REFERÊNCIAS

- ADAC. Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã. **INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS (INRC):** Lida campeira nos campos dobrados do Alto Camaquã. Projeto de pesquisa: Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, 2017. Disponível em: <
https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/files/2017/09/Projeto_INRC_Alto_Camaqua.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.
- ANDREATTA, Tanice; WAQUIL, Paulo Dabdab; MIGUEL, Lovois de Andrade. A organização dos estabelecimentos de pecuária de corte de base familiar no Rio Grande do Sul. In: WAQUIL, Paulo Dabdab et. al. (Orgs.) **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- ARBAGE, Alessandro Porporatti. **Custos de transação e seu impacto na formação e gestão da cadeia de suprimentos:** estudo de caso em estruturas de governança híbridas do sistema agroalimentar no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATALHA, Mario OTÁVIO. **Gestão agroindustrial**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- BATALHA, Mario; SILVA, Carlos Arthur. **Competitividade em Sistemas Agroindustriais: Metodologia e Estudo de Caso, II workshop Brasileiro de Gestão de Sistemas Agroindustriais**, Ribeirão Preto, 1999.
- BATALHA, Mario Otávio; BUAINAIN, Antônio Márcio; FILHO, de Souza Hildo Meirelles. Tecnologia de Gestão e Agricultura Familiar. In: **XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, 2004, Cuiabá – MT.
- BITTENCOURT, Bruno Anicet; SALLES, Ana Carolina; ALVES, Ana Paula. Inovação no agronegócio: um estudo sobre o processo de desenvolvimento de produto no segmento da ovinocultura. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 3, n. 2, p. 3-15, 2016.
- CALEMAN, Silvia; SPROESSER, Renato Luis; MICHELS, Ido. Evolução e perspectivas para a indústria de abate e frigorificação de carne bovina em Mato grosso do Sul. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 42., 2004, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá, 2004.
- DALCIN, Dioneia; OLIVEIRA, Sibeles Vasconcelos; ARBAGE, Alessandro Porporatti. Estratégias e economia organizacional: em estudo de caso para o ramo frigorífico no Rio Grande do Sul, **Revista INGEPRO – Inovação, Gestão e Produção**, v. 2, n. 6, agosto, 2010.
- DALCIN, Dioneia. **O processo de tomada de decisão em agricultores de Boa Vista das Missões – RS**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

- FERNANDES, Alice Munz. **Desempenho competitivo da cadeia produtiva da carne bovina do Bioma Pampa**. Dissertação (Mestrado em Administração), Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017.
- FREITAS, T. R. DE, AGNE, C. L., MATTE, Alessandra. Pecuária familiar no município de Caçapava do Sul/RS: aspectos históricos, sociais e produtivos. **Holos**, v. 36. n. 6, p. 1-18, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Pecuária Municipal**. Disponível: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>>. Acesso em: 26 jun. 2022.
- IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Instrução Normativa nº 3/2013 de 31 de janeiro de 2013**. Decreta a nocividade do Javali e dispõe sobre o seu manejo e controle. Disponível em: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fauna/2014/07/IN_Ibama_03_2013.pdf>. Acesso em 6 jul. 2022.
- LANGBECKER, Tatielle Belem. **Trajatórias e processos inovativos: um olhar evolucionário em casos da pecuária familiar na Campanha Gaúcha**. Tese (Doutorado em Extensão Rural). Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, 2020.
- MACHADO FILHO, Claudio Antonio Pinheiro. Governança em organizações do agronegócio. In: ZYLBERSZTAJN, Decio; NEVES, Marco Fava; CALEMAN, Silvia, M. de Queiroz (Orgs.). **Gestão de Sistemas de Agronegócios**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- MATTE, Alessandra. Mudanças produtivas no Pampa brasileiro: impactos, vulnerabilidade e estratégias de reação. In: SUZUKI, J. C.; LAURENT, F.; ARAÚJO, V. B. (Org.). **Transições produtivas, agroecológicas e culturais no campo brasileiro**. 1ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. p. 93-123.
- MATTE, Alessandra; WAQUIL, Paula Dabdab; SCHNEIDER, Sérgio; TOURRAND, Jean François. Mercados da pecuária familiar no sul do Brasil: convenções e canais de comercialização da bovinocultura de corte. **Agricultura familiar: pesquisa, formação e desenvolvimento**, v. 14, n. 1, jan./jun. 2020.
- NEVES, Marco Fava. Relacionamentos interorganizacionais. In: ZYLBERSZTAJN, Decio; NEVES, Marco Fava; CALEMAN, Silvia, M. de Queiroz (Orgs.). **Gestão de Sistemas de Agronegócios**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- NEVES, Marco Fava. Agribusiness: a origem, os conceitos e as tendências. In: NEVES, Marco Fava. **Vai agronegócio! 25 anos cumprindo missão vitoriosa**, Editora Canoaeste, 2016, 538 p.
- OAIGEN, Ricardo Pedroso. **Avaliação da competitividade em sistemas de produção de bovinocultura de corte nas regiões Sul e Norte do Brasil**. Tese (Doutorado em Zootecnia), Programa de Pós-graduação em Zootecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- PRADO, Jamaika et al. Análise da produção científica sobre cadeias produtivas entre 2012 e 2018. **Revista Economia e Políticas Públicas**, v. 9, n. 2, p. 10-33, 2021.
- PORTO, Rafael Gastal; BEZERRA, Antônio Jorge Amaral. A pecuária familiar: categoria social no município de Bagé/RS – Região da Campanha Meridional. **Revista Brasileira Agrociência**, Pelotas, v. 15, n. 1-4, p. 101-107, jan./dez. 2009.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**, Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RIBEIRO, Cláudio Marques. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural)

-
- Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- RIBEIRO, Cláudio Marques. O modo de vida dos pecuaristas familiares no Pampa Brasileiro. *In: WAQUIL, P. D. et al. (Orgs.). Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 13.515 de 13 de Setembro de 2010. **Institui o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar e dá outras providências.** Disponível em: < <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/13.515.pdf> >. Acesso em: 2 jun. 2017.
- SILVA, Monica Nardini da; ANJOS, Flávio Sacco dos. A sucessão geracional na pecuária familiar do extremo sul do Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 61, n. 2, 2023.
- SCHULTZ, Glauco; ZANETTI, Cândida; WAQUIL, Paulo Dabdab. Análise da competitividade das cadeias produtivas agroindustriais. *In: SCHULTZ, Glauco; WAQUIL, Paula Dabdab. Políticas públicas e privadas e competitividade das cadeias produtivas agroindustriais*, Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.
- SILVA, Nice Helena da. Componentes basilares para estudo de cadeias produtivas: teórico-analítico. **IX Convibra Administração**, 23 a 25 de novembro de 2012.
- TOURRAND, Jean François. Prefácio. *In: WAQUIL, Paulo Dabdab et. al. (Orgs.) Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.
- VIANA, João Garibaldi Almeida; SILVEIRA, Vicente Celestino Pires. Cadeia produtiva da ovinocultura no Rio Grande do Sul: um estudo descritivo. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, v. 2, n. 1, jan./abr. 2009.